

**VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA NA FALA-EM-INTERAÇÃO:  
ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA DO  
USO VARIÁVEL DE VIBRANTE SIMPLES EM LUGAR DE MÚLTIPLA NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO DE BILÍNGUES PORTUGUÊS-ALEMÃO**

**LANGUAGE VARIATION IN CONVERSATION:  
QUANTITATIVE AND QUALITATIVE ANALYSIS OF THE VARIABLE USE OF TAP  
WHERE A TRILL IS EXPECTED IN BRAZILIAN PORTUGUESE IN THE SPEECH OF  
PORTUGUESE-GERMAN BILINGUALS**

Andréia Kanitz\*  
Elisa Battisti\*\*

**Resumo:** O presente artigo aborda o emprego variável de vibrante simples em lugar da múltipla (*cachorro~cachoro*, *arroz~aroz*) na fala-em-interação em português brasileiro entre bilíngues português-alemão. Agrega-se à análise quantitativa (LABOV, 1972) dos dados levantados da interação uma análise qualitativa microinteracional (LODER; JUNG, 2008; GARCEZ, 2008). Do ponto de vista estatístico, o estudo revela que a variável idade condiciona o emprego da vibrante simples, favorecido por participantes com 'mais de 40 anos' e desfavorecido por participantes com 'menos de 40 anos'. Do ponto de vista microinteracional, a análise demonstra que, de modo geral, o emprego variável da vibrante simples não é tornado relevante pelos participantes. Um único emprego, de um participante com 'menos de 40 anos', foi problematizado. Argumenta-se que a problematização se deva ao fato de não haver, no conhecimento de senso comum compartilhado pelos participantes, a expectativa de os falantes jovens usarem vibrante simples em lugar de múltipla, tendência que os pesos relativos da análise quantitativa também expressam. Já a expectativa de que os participantes mais velhos produzam vibrante simples em lugar de múltipla faz com que os participantes não deem relevo a essa realização, o que também se relaciona à tendência de uso verificada na análise quantitativa.

**Palavras-chave:** Variação sociolinguística na fala-em-interação; Português brasileiro em contato com o alemão; Emprego de vibrante simples em lugar de múltipla.

**Abstract:** This paper is about the use of flap where a trill is expected in Brazilian Portuguese (*cachorro~cachoro*, *arroz~aroz*) by German descendants in situated speech. Both quantitative (LABOV, 1972) and microinteracional qualitative analysis (LODER; JUNG, 2008; GARCEZ, 2008) of the data are done. The quantitative analysis showed that the variable age plays a role in the use of flap: it is favored by participants who are older than 40 years old and disfavored by participants who are younger than 40 years old. The microinteracional qualitative analysis of speech in social interaction revealed that the variable use of flap is generally not made relevant by the participants. A single use of flap by a participant who is younger than 40 years old was problematized by the interactants. We claim that the problematization is due to the expectations derived from common sense shared knowledge:

---

\* Mestre em Letras: Estudos da Linguagem (UFRGS).

\*\* Doutora em Letras: Linguística Aplicada (PUCRS), docente do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, UFRGS. Pesquisadora do CNPq.

young people are not expected to make such a use of flap in Brazilian Portuguese, an expectation which is also expressed by the relative weights obtained by the quantitative variable rule analysis. Older participants by their turn are expected to use flap instead of trill in Brazilian Portuguese, so the participants do not make that use relevant in the interaction. This expectation also conforms to the tendency verified by the quantitative analysis.

**Keywords:** Language variation in speech-in-interaction; Brazilian Portuguese in contact with German; The variable use of flap where a trill is expected.

## Introdução

Desvendar as forças motrizes da variação e mudança linguística constitui o objetivo primordial de pesquisas sociolinguísticas de orientação laboviana (LABOV, 1972). Esses estudos submetem conjuntos robustos de dados de fala a tratamento quantitativo para comprovar a ideia de que as realizações variáveis verificadas em comunidades de fala conformam-se a um padrão e são condicionadas por fatores linguísticos (contexto fonológico precedente e seguinte, por exemplo) e sociais (idade, ocupação, procedência geográfica do informante, entre outros aspectos).

Recentemente, estudos variacionistas (ECKERT, 2000) têm explorado outras linhas de análise sociolinguística com o objetivo de superar o desafio de lidar quantitativamente com as condições sociais da variação e mudança linguística. Por exemplo, embora se obtenham, nos estudos variacionistas, resultados estatísticos para a categoria gênero como uma variável independente, os efeitos da diferenciação de gênero nas culturas ocidentais são dependentes de outros aspectos da vida em sociedade, como oportunidades de emprego, escolaridade, papéis desempenhados no lar e na família. Conciliar abordagens qualitativas à quantitativa pode contribuir para superar esse desafio.

Com o entendimento de que a variação linguística tem seu significado social negociado e construído pelos falantes nas interações e nas práticas sociais locais, e seguindo a tendência de associar análise quantitativa e qualitativa no estudo da variação linguística, o presente artigo trata do emprego variável da vibrante simples em lugar de múltipla (*arroz~aroz, cachorro~cachoro*) no português brasileiro falado por bilíngues português-alemão de uma pequena comunidade do sul do Brasil. Trata-se de uma alternância verificada em falares de português em contato com línguas de imigração, como os falares dialetais italiano e alemão hoje ainda praticados em comunidades do interior do Rio Grande do Sul e dos demais estados da região sul do Brasil (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011).

O emprego de vibrante simples em lugar da múltipla foi estudado na linha da variação como prática social de Eckert (2000), por Bovo (2004) na zona rural de Caxias do Sul (RS) e por Battisti e Martins (2011) em Flores da Cunha (RS). O português falado nessas comunidades apresenta traços do contato com a fala dialetal italiana, traços esses geralmente entendidos como interferência da fala dialetal no português (FROSI; MIORANZA, 1983; SANTOS, 2001). O emprego da vibrante simples em lugar da múltipla é um desses traços, e os estudos revelam que tal uso é uma prática predominantemente masculina, rural, realizada pelos falantes mais velhos. Assim, a tendência é a de que tal realização venha a desaparecer em gerações futuras.

O emprego da vibrante simples em lugar da múltipla é saliente aos monolíngues em português. Ao contrário, entre os bilíngues, conforme a observação participante empreendida nesses estudos, tal ocorrência em conversas espontâneas passa despercebida o mais das vezes, mas pode eventualmente ser problematizada pelos interagentes. A questão que daí surge, e que não foi respondida nas análises acima referidas, de Bovo (2004) e Battisti e Martins (2011), tampouco em outros trabalhos sobre variação no português em contato com línguas de imigração, como o de Margotti (2004), é: por que o emprego de vibrante simples em lugar da vibrante múltipla, em geral periférico à interação de bilíngues, é às vezes tornado relevante?

Para responder a essa questão, além da análise quantitativa de dados, é necessário empreender microanálise de segmentos de fala-em-interação, de natureza qualitativa. É o que se fará aqui. Será uma tentativa inicial de aliar à análise variacionista uma análise interacional orientada pelos pressupostos teórico-metodológicos da Análise da Conversa Etnometodológica (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974; LODER; JUNG, 2008). Não é a análise de dados etnográficos obtidos por meio de observação participante o que se vai aliar à análise quantitativa, mas a análise de segmentos interacionais em que o emprego da vibrante simples em lugar da múltipla ocorre, podendo ou não ser problematizado pelos participantes por meio de suas ações na conversa.

Na próxima seção, abordam-se os pressupostos teóricos da análise da fala-em-interação, seguida da revisão de trabalhos que têm investigado o uso variável da vibrante simples em lugar da múltipla em falares de português brasileiro na linha das práticas sociais (ECKERT, 2000), aliando análise qualitativa à quantitativa. Depois, apresenta-se a metodologia adotada para as análises quantitativa e qualitativa dos

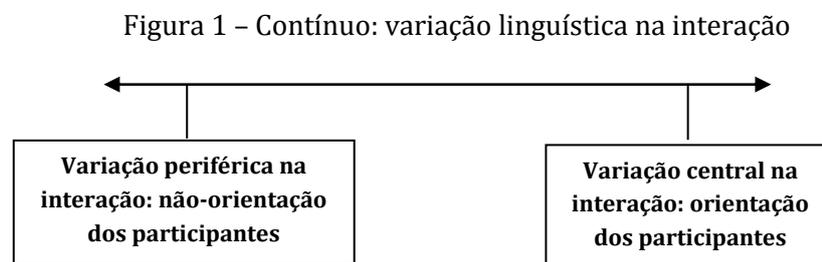
dados no presente estudo e, em seguida, os resultados da análise quantitativa e da análise microinteracional realizadas. Por fim, vem nossa conclusão.

## **1 A análise da fala-em-interação: alguns pressupostos teóricos**

A perspectiva teórico-metodológica que embasa a análise dos segmentos de fala-em-interação é a Análise da Conversa Etnometodológica – ACE (LODER; JUNG, 2008; GARCEZ, 2008), que tem seus interesses voltados para o estudo da ação social humana situada no espaço e no decorrer do tempo real. As pesquisas orientadas por essa perspectiva teórico-metodológica buscam, pela análise de dados naturalísticos de fala-em-interação, entender como os atores sociais se organizam para, juntos, produzirem ações pelo uso da linguagem (ATKINSON; HERITAGE, 1984; LODER; JUNG, 2008;). Segundo Atkinson e Heritage (1984, p. 1), a meta principal de pesquisas em ACE é descrever os procedimentos usados por quem conversa para produzir o próprio comportamento e para entender e lidar com o comportamento dos outros. Nessa perspectiva teórico-metodológica, a noção de sequencialidade é compreendida como um constituinte central da ação social e, por isso, recebe especial atenção nas análises e discussões. A compreensão de que as ações dos participantes em interação organizam-se sequencialmente sustenta-se no entendimento de que há uma espécie de “encaixe” entre o que uma primeira pessoa diz e faz e o que o seu interlocutor diz e faz em retorno. É esse ‘encaixe’ que evidencia a natureza sequencial da interação, “em que a produção de uma elocução está relacionada à elocução que foi produzida anteriormente por outro interlocutor” (LODER; SALIMEN; MÜLLER, 2008, p.40). Existe, portanto, ordenamento sequencial na fala-em-interação – uma sequencialidade, em que cada nova elocução/ação constrange em alguma medida as ações pertinentes a seguir.

O presente trabalho pretende investigar *se e de que modo* os participantes se orientam para questões de variação em suas ações sequencialmente organizadas na fala-em-interação, pelo emprego da vibrante simples em lugar da vibrante múltipla. Adaptando o contínuo explorado por Almeida (2009) em sua análise sobre orientação dos participantes para questões de gênero, levantam-se da interação: (a) instâncias em que a variação em questão ocorre na interação, mas de modo periférico, sem que os participantes, em suas ações, lhes deem relevo; (b) instâncias em que variação em

questão ocorre na interação, havendo, ao contrário, orientação central dos participantes em suas ações para a realização de uma das variantes (ver Figura 1).



## 2 O emprego variável da vibrante no português falado: condicionadores linguísticos e extralinguísticos

O emprego da vibrante simples (*carro*) em lugar da vibrante múltipla (*carrro*) – fenômeno foco deste trabalho – é inesperado em português, mas é facilmente identificado em zonas de imigração em que ainda há contato do português com falares dialetais de imigração, como o alemão e o italiano. Como Battisti e Martins (2011, p. 147) ponderam acerca das diferentes realizações da vibrante no português brasileiro,

a vibrante simples e a múltipla são fonemas no português, uma vez que há valor contrastivo entre esses segmentos, como se vê no par mínimo *muro*-*murro*. Dessas duas consoantes, apenas a vibrante múltipla realiza-se em diferentes fones: vibrante alveolar [r], fricativa velar [X] e fricativa glotal [h]. Assim, *murro*, por exemplo, pode ser produzido como *mu[r]o*, *mu[X]o* ou *mu[h]o*, sem que a diferente pronúncia implique mudança de significado.

O fato de o emprego da vibrante simples em lugar da múltipla constituir um fenômeno não esperado no português brasileiro e, no entanto, ser muito peculiar em zonas de imigração, em que ainda há contato entre o português e línguas de imigrantes, tem instigado a realização de muitas pesquisas que buscaram, por meio de estudos de variação, desvendar os condicionadores, tanto linguísticos quanto sociais, desse fenômeno. Embora o uso da vibrante simples no lugar da vibrante múltipla seja relativamente desprestigiado e estigmatizado, ainda é verificável, principalmente nas zonas rurais e em cidades mais afastadas dos grandes centros urbanos.

Ao contrário da regra variável aqui em foco (emprego de vibrante simples em lugar de vibrante múltipla), o estudo desenvolvido por Rossi (2000) buscou investigar

os grupos de fatores favorecedores do emprego variável de vibrante múltipla em lugar de vibrante simples entre informantes de Chapecó (SC) e Flores da Cunha (RS). A partir de uma análise variacionista de orientação laboviana, a autora verificou uma proporção total média nessas comunidades de 46%. Identificou que os fatores escolaridade, sexo, idade, cidade, número de sílabas favorecem o emprego de vibrante múltipla. A análise estatística apontou uma forte influência dos fatores sociais/extralinguísticos sobre o processo investigado. Conforme análise empreendida pela autora, o emprego da vibrante múltipla em lugar da simples constitui uma mudança em progresso. A adoção de uma perspectiva de análise estritamente quantitativa impediu a autora de realizar considerações mais aprofundadas acerca do peso do componente social nos resultados obtidos, embora sua influência tenha sido comprovada no estudo.

Outro trabalho que também se dedica ao estudo da realização variável das vibrantes no português é o de Bovo (2004), que, diferentemente de Rossi (2000), agregou à análise quantitativa uma análise qualitativa para compreender o emprego de vibrante simples em lugar de múltipla entre informantes da zona rural de Caxias do Sul (RS). A proporção total de aplicação da regra na comunidade investigada foi de 44%. Assim como em Rossi (2000), o componente social mostrou-se mais significativo do que o linguístico no condicionamento da regra em foco. A variável gênero foi um dos grupos de fatores sociais selecionados como significativo. A análise quantitativa dos dados indicou que, enquanto homens tendem a favorecer o emprego de vibrante simples, mulheres tendem a desfavorecê-lo.

Buscando elucidar esse fato, a autora elegeu a variável gênero para a realização da etapa qualitativa de sua análise de dados. Por meio de observação participante e de entrevistas com a população pesquisada, a pesquisadora verificou que os homens tendem a se orientar a práticas sociais locais próprias da zona rural, enquanto as mulheres tendem a se orientar mais para práticas sociais urbanas. Dada essa orientação, as mulheres tendem a apagar marcas linguísticas que indiquem sua origem rural, que são sabidamente estigmatizadas nos centros urbanos, como é o caso do emprego da vibrante simples em lugar da múltipla (*carro* ou *invés* de *carro*). Isso explica em grande medida, segundo Bovo (2004), o fato de as mulheres empregarem muito menos a vibrante simples em lugar da múltipla, pela assimilação do uso padrão do português positivamente valorado nas zonas urbanas.

Por fim, outro trabalho que adota uma metodologia de pesquisa semelhante à de Bovo (2004), ao agregar à análise quantitativa uma perspectiva qualitativa, e que também investiga o emprego variável das vibrantes no português brasileiro é desenvolvido por Battisti e Martins (2011). A investigação realizada na pequena cidade de Flores da Cunha (RS) indica que o emprego da vibrante simples em lugar da múltipla na comunidade é de 46% e vem regredindo. Também neste estudo constatou-se que a aplicação da regra em foco é condicionada predominantemente por variáveis sociais, dentre elas a variável idade. Segundo a análise quantitativa, jovens tendem a desfavorecer o emprego da vibrante simples em lugar da múltipla, fato que, segundo as autoras, pode ser explicado pelas práticas sociais diárias dos jovens de Flores da Cunha. Com base em dados etnográficos, Battisti e Martins (2011) observam que mudanças sociais estão em curso na comunidade, produzindo reflexos no comportamento linguístico dos jovens:

Os jovens florenses reproduzem em parte as práticas sociais tradicionais, mas se abrem a inovações. Têm na cidade poucas opções de estudo e de lazer, o que os faz deslocarem-se diariamente a outras cidades para frequentarem faculdade e se divertirem, mas seguem morando nela, acabam retornando a Flores da Cunha (BATTISTI; MARTINS, 2011, p.157).

Segundo as autoras, embora mantenham o engajamento em práticas sociais locais, os jovens, entrando em contato com práticas sociais próprias de centros urbanos maiores, tendem a assimilar paulatinamente o comportamento linguístico próprio de zonas urbanas e a desfavorecer o emprego da vibrante simples no lugar da múltipla, desprestigiado nesses ambientes.

Nos trabalhos revisados, as variáveis sociais predominam no condicionamento do emprego variável da vibrante simples em lugar da múltipla, e é a etapa qualitativa de análise que possibilita uma interpretação mais aprofundada e informada a respeito desse fato, como fazem Bovo (2004) e Battisti e Martins (2011). No presente estudo, o emprego variável da vibrante simples em lugar da múltipla também é objeto de investigação. Como se afirmou na Introdução, alia-se à análise quantitativa uma perspectiva qualitativa de interpretação dos dados, pela análise interacional de segmentos de fala-em-interação.

### 3 Metodologia

Este trabalho não parte de dados obtidos por meio de entrevistas sociolinguísticas. Tanto a análise quantitativa quanto a qualitativa valem-se de uma conversa como fonte de dados. Para a análise quantitativa, levantaram-se dessa conversa, ou fala-em-interação espontânea, todos os contextos em que a vibrante simples pudesse ser, em termos potenciais, variavelmente empregada em lugar da múltipla.

A conversa foi gravada com o consentimento informado<sup>1</sup> de todos os participantes, logo após um almoço em família ocorrido em outubro de 2011, quando todos ainda se encontravam reunidos em torno da mesa, conversando.

Participam da interação, cuja duração é de uma hora e meia, seis pessoas: três homens e três mulheres, todos de descendência alemã e bilíngues português-alemão. Os mais velhos compreendem e falam o dialeto alemão. Os mais jovens compreendem, mas falam com dificuldade. Neste trabalho, os participantes são referidos por pseudônimos, como forma de preservar suas identidades. Interagem nessa conversa Mauro (57 anos), Mariani (52 anos), Patrícia (31 anos), Tomas (37 anos), Andriele (26 anos) e Pedro (27 anos).

Imagem 1 – Participantes interagindo em torno da mesa



<sup>1</sup> O consentimento informado utilizado na pesquisa segue o modelo empregado por Almeida (2004).

A conversa ocorreu na casa da família, que vive em Sinimbu, pequeno município do interior do Rio Grande do Sul, cuja população é de pouco menos de 10.000 habitantes. É município vizinho à cidade de Santa Cruz do Sul – uma das cidades-polo da região do Vale do Rio Pardo – e, assim como ela, possui boa parte da sua economia baseada na agricultura do tabaco.

### **3.1 A análise de regra variável: o emprego de vibrante simples em lugar da múltipla**

Para a análise de regra variável, codificaram-se os participantes da conversa em dois gêneros (masculino e feminino) e dois grupos etários ('menos de 40 anos' e 'mais de 40 anos'). Tais características configuram as duas variáveis extralinguísticas controladas na análise, gênero e idade.

Cabe salientar que, embora se tenha uma amostra equilibrada de informantes do gênero feminino e masculino, o mesmo não ocorre com relação aos grupos etários, uma vez que temos quatro informantes na faixa etária de 'menos de 40 anos' e dois informantes na faixa etária com 'mais de 40 anos'. Inicialmente, ponderou-se que esse desequilíbrio pudesse surtir reflexos nos resultados quantitativos. No entanto, em se tratando de um dado de interação espontânea, em que não há controle sobre quem participa ou deixa de participar da interação, tal fato é praticamente inevitável.

Conforme Rossi (2000), Bovo (2004), Battisti e Martins (2011), partiu-se, neste trabalho, da hipótese de que informantes do gênero masculino na faixa etária de 'mais de 40 anos' favoreceriam a aplicação da vibrante simples em lugar da vibrante múltipla.

Além das duas variáveis extralinguísticas (gênero e idade), controlou-se apenas uma variável linguística (posição da sílaba na palavra) nos fatores posição inicial e posição medial. Assim como em Bovo (2004) e Battisti e Martins (2011), partiu-se da hipótese de que a posição medial favoreceria o emprego de vibrante simples em lugar de múltipla.

Os 95 contextos levantados<sup>2</sup> da interação foram codificados e posteriormente submetidos ao programa Goldvarb X<sup>3</sup> para ambiente Windows, que realiza a análise

---

<sup>2</sup> Sabemos que a análise quantitativa requereria um maior número de dados, oriundos de uma amostra com estratificação equilibrada. No entanto, em razão do objetivo do trabalho, que concilia a análise quantitativa com a qualitativa, prescindiu-se dessas exigências, mas com a crença de que, mesmo em pequenos grupos, como na família em questão, o padrão de fala replica o da comunidade maior.

estatística. O Quadro 1 traz o conjunto de variáveis controladas na análise, com exemplos.

Quadro 1 – Variáveis controladas e exemplos

| <i>Variável dependente</i>  |  |
|---|--|
| Emprego de vibrante simples em lugar de vibrante múltipla: ca <u>r</u> o<br>ao invés de ca <u>rr</u> o                |  |
| <i>Variáveis independentes</i>  |  |
| <i>Variável linguística</i>   | <i>Variáveis extralinguísticas</i>                   |
| <i>Posição da sílaba na palavra:</i><br>Inicial: <u>r</u> oupa, <u>r</u> uim<br>Medial: e <u>rr</u> o, ca <u>rr</u> o | <i>Gênero:</i><br>Masculino<br>Feminino              |
|   | <i>Idade:</i><br>Menos de 40 anos<br>Mais de 40 anos |

Os resultados da análise quantitativa são expressos numericamente em percentuais e em pesos relativos. Conforme sintetizam Battisti e Martins (2011, p. 6),

os percentuais expressam a distribuição dos dados e realizações variáveis por fator considerado nas diferentes variáveis controladas. Os pesos relativos expressam a tendência de o processo estudado ocorrer, como efeito dos diferentes fatores considerados na análise.

Os pesos relativos podem variar de 0 a 1: pesos relativos em torno de 0,5 indicam que o fator selecionado possui papel neutro em relação à regra variável estudada, pesos relativos abaixo de 0,5 e acima de 0,5 indicam, respectivamente, que os fatores selecionados desfavorecem ou favorecem a aplicação da regra.

### **3.2 A análise da fala-em-interação: a repercussão (ou não) do emprego de vibrante simples em lugar de múltipla na conversa**

A partir do dado de fala-em-interação de uma hora e meia de duração, foram selecionados os segmentos interacionais para análise da orientação dos participantes quanto ao uso variável da vibrante. Em um primeiro momento de audição e visualização do dado, buscou-se levantar (a) instâncias interacionais em que a variação ocorre na interação, mas de modo periférico, não sendo tornada relevante entre os participantes;

<sup>3</sup>Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2011.

(b) instâncias em que variação ocorre na interação, havendo, ao contrário, orientação central dos participantes da interação para variação no emprego da vibrante.

Após essa etapa de levantamento e segmentação dos dados, três segmentos de interação representativos da interação foram selecionados e transcritos de acordo com o modelo Jefferson de transcrição (LODER, 2008)<sup>4</sup>. Para indicar a aplicação da regra aqui em foco – o emprego de vibrante simples em lugar de vibrante múltipla –, usou-se uma só letra erre negritada na transcrição quando em posição medial (*chimarão*), e erre negritado em posição inicial (*reais*). O símbolo fonético de vibrante simples ([r]eais; chima[r]ão) foi usado nos trechos de texto que discutem os dados. A análise qualitativa privilegiou a perspectiva dos próprios participantes acerca do que fazem em conjunto, focalizando as ações para as quais eles se orientam turno a turno de modo a verificar a sua orientação (ou não) para variação linguística na fala-em-interação.

#### 4 O que o *corpus* nos mostra?

##### 4.1 A análise da regra variável: a análise quantitativa dos dados

Após o tratamento estatístico dos dados, verificou-se uma proporção total de 23% de realização de vibrante simples em lugar da múltipla, índice um pouco inferior ao obtido em amostras maiores de dados, como vimos nos estudos revisados (seção 3).

Dentre as três variáveis independentes aqui controladas, o Goldvarb X selecionou os seguintes grupos de fatores, na seguinte ordem: **idade** e **posição da sílaba na palavra**. O fator *gênero* não foi selecionado, contrariando interessantemente a hipótese inicial de que informantes do gênero masculino favoreceriam a aplicação de vibrante simples em lugar de vibrante múltipla<sup>5</sup>. A seleção dos fatores *idade* e *posição da sílaba na palavra*, no entanto, confirma as hipóteses lançadas inicialmente. É interessante apontar que, apesar de não haver uma amostra equilibrada de informantes com ‘mais e menos de 40 anos’, o fator *idade* foi, ainda assim, considerado significativo. As tabelas 1 e 2 trazem os resultados das variáveis *idade* e *posição da sílaba na palavra*.

<sup>4</sup> As convenções de transcrição Jefferson utilizadas nos excertos de transcrição reproduzidos aqui se encontram no Anexo A.

<sup>5</sup> Possivelmente o fator gênero tenha sido eliminado pelo fato de os pesos relativos terem ficado muito próximos do ponto neutro. Semelhantemente, em Battisti e Martins (2011), os valores dos pesos relativos para o fator gênero também ficam muito próximos do ponto neutro (0.5).

Tabela 1 – Idade

| <b>Fatores</b>   | <b>Aplicação/Tota</b> | <b>Frequência</b> | <b>Peso Relativo</b> |
|------------------|-----------------------|-------------------|----------------------|
| Menos de 40 anos | 6/78                  | 8%                | 0,25                 |
| Mais de 40 anos  | 16/17                 | 94%               | 0,99                 |
| <b>TOTAL</b>     | <b>22/95</b>          | <b>23%</b>        | --                   |

Input 0,143 Significância 0,350

Os valores obtidos indicam uma tendência à regressão da regra de emprego da vibrante simples em lugar da múltipla. Enquanto indivíduos com ‘mais de 40 anos’ favorecem o emprego da vibrante simples em lugar da múltipla, com uma frequência considerável de 94% de aplicação da regra e peso relativo muito próximo a 1 (0,99), indivíduos com ‘menos de 40 anos’ desfavorecem a aplicação da regra, com baixa frequência de aplicação (8%) e baixo peso relativo (0,25). Essa tendência à regressão da regra está de acordo com Battisti e Martins (2011) e com Rossi (2000), que demonstram em seus dados um decréscimo gradual na aplicação da regra do grupo etário mais velho para o mais jovem. A tendência ao desaparecimento gradual dessa marca de contato linguístico decorre do monolinguismo-português que vem caracterizando as práticas orais de comunidades como Sinimbu.

Tabela 2 – Posição da sílaba na palavra

| <b>Fatores</b>               | <b>Aplicação/Total</b> | <b>Frequência</b> | <b>Peso Relativo</b> |
|------------------------------|------------------------|-------------------|----------------------|
| Inicial<br>( <u>r</u> ua)    | 9/50                   | 18%               | 0,28                 |
| Medial<br>(ca <u>r</u> roça) | 13/45                  | 29%               | 0,99                 |
| <b>TOTAL</b>                 | <b>22/95</b>           | <b>23%</b>        | --                   |

Input 0,143 Significância 0,350

A única variável linguística controlada neste estudo (posição na sílaba da palavra) também foi selecionada como significativa na análise estatística. Conforme os resultados da Tabela 2, o emprego de vibrante simples em lugar de múltipla tende a ocorrer com mais frequência em posição medial de palavra, novamente com um peso relativo muito próximo de 1 (0,99), o que está de acordo com os resultados encontrados em Bovo (2004) e Battisti e Martins (2011). Embora não se tenha controlado neste trabalho posição final de palavra, os resultados aqui apresentados também indicam para uma

tendência considerável à não aplicação da regra em posições de borda de palavra. Em termos linguísticos, pode-se pensar que uma posição como a de início de palavra é de alguma forma mais saliente ao falante, que a ela dá mais atenção na fala, o que resulta numa probabilidade maior de produção da vibrante múltipla.

Em linhas gerais, os resultados apresentados nesta seção corroboram as hipóteses iniciais de que (a) indivíduos com ‘mais de 40 anos’ tendem a empregar vibrante simples em lugar de múltipla, e indivíduos com ‘menos de 40 anos’ tendem a empregar a múltipla; (b) e de que a posição medial de palavra favorece a ocorrência de vibrante simples em lugar de múltipla, ao passo que a posição inicial de palavra desfavorece.

#### **4.2 A análise do emprego da regra variável na fala-em-interação: a análise qualitativa dos dados**

Nesta seção, são apresentados três segmentos interacionais em que houve o emprego de vibrante simples em lugar vibrante múltipla. Busca-se, por meio da análise desses três segmentos, demonstrar como os participantes se orientam interacionalmente para o fenômeno de variação.

Na interação, em momento imediatamente anterior ao primeiro segmento a ser analisado abaixo, todos os participantes conversavam sobre o fato de uma das contas bancárias da empresa em que o participante Tomas trabalha como diretor ter sido recentemente transferida de uma agência de Sinimbu para uma agência de Santa Cruz do Sul. Tomas queixava-se do fato, e os demais participantes procuravam compreender as suas dificuldades. Mariani, então, dirige-lhe um pedido de informação (linhas 1-3, excerto 1):

##### **Excerto 1**

|    |         |                                 |
|----|---------|---------------------------------|
| 01 | Mariani | >tá mas- e o que-< (>as         |
| 02 |         | transações vocês não            |
| 03 |         | conseguem por aqui?<)           |
| 04 | Tomas   | nã::o a gente sempre consegue   |
| 05 |         | por aqui sim. mas agora se      |
| 06 |         | fosse para nós querer trocar um |
| 07 |         | cheque,vamos dizer se hoje eu   |
| 08 |         | querer trocar um cheque de      |
| 09 |         | três mil, amanhã um de dois     |
| 10 |         | mil, semana que vem, e          |
| 11 |         | eles não iam querer trocar (>aí |

|    |         |                                   |
|----|---------|-----------------------------------|
| 12 |         | nós já iríamos ter saído faz      |
| 13 |         | tempo<)                           |
| 14 | Mariani | — é, eles são assim >acima de mil |
| 15 |         | reais eles não aceitam<           |
| 16 | Mauro   | sabe que [.h                      |
| 17 | Mariani | [é que nós temos                  |
| 18 |         | também o pessoal assim            |
| 19 |         | que [tá na geriatria de Taquara   |
| 20 | Mauro   | [queria::                         |
| 21 | Mariani | Porto Alegre=                     |
| 22 | Mauro   | =contar um causo                  |

Depois de ter seu pedido de informação atendido (linhas 4-13) por Tomas, sobre conseguir ou não realizar as transações bancárias na agência de Sinimbu, Mariani, nas linhas 14 e 15, produz uma espécie de comentário ao turno anterior de Tomas e, ao produzi-lo, emprega vibrante simples em lugar de múltipla quando fala '[r]eais': ">acima de mil reais eles não aceitam<". Note-se que, nos turnos subsequentes, esse fato não é tornado sequencialmente relevante pelos participantes em suas ações uma vez que ninguém na interação se orienta para a produção da vibrante simples em lugar da vibrante múltipla como algo "problemático" que contraria, nos termos de Almeida (2009), aquilo que é esperado no âmbito do que constitui um conhecimento de senso comum compartilhado pelos atores sociais. Muito pelo contrário, a interação segue, com Mauro, em sobreposição à Mariani, procurando sequencialmente dar início a uma nova ação: contar um causo (linhas 16, 20 e 22). Nenhum dos demais participantes presentes na interação torna relevante na interação o uso variável da vibrante.

O mesmo ocorre no segundo segmento selecionado para análise, em que Mauro dá início à "contação" de um fato que lhe ocorreu durante a semana. Ao longo de toda a "contação", Mauro emprega várias vezes a vibrante simples em lugar de múltipla. Em nenhum momento da interação, no entanto, a variação no emprego da vibrante é tornada relevante na sequência da interação. É o que podemos observar no excerto que segue:

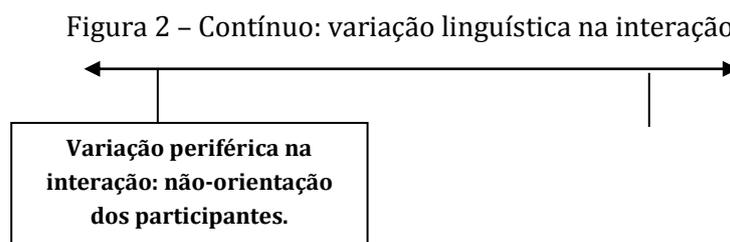
### Excerto 2

|    |          |                                  |
|----|----------|----------------------------------|
| 01 | Mauro    | essa semana queriam me passar    |
| 02 |          | um golpe de novo.                |
| 03 |          | (.)                              |
| 04 | Andriele | onde?                            |
| 05 | Mauro    | → >aqui aqui< tomando chimarão a |
| 06 |          | uma e meia da tarde              |
| 07 | Andriele | que quê era >cigano<?            |

|    |       |                              |
|----|-------|------------------------------|
| 08 | Mauro | de repente [tocou o telefone |
| 09 | Pedro | [deixa o teu pai             |
| 10 |       | contar. ((Pedro olha         |
| 11 |       | para Andriele))              |

Depois de iniciar a “contação” da história a respeito de um golpe que quiseram lhe aplicar durante a semana (linhas 1-2) e depois de ter sido interpelado por Andriele a respeito de onde o fato teria ocorrido (linha 4), Mauro, orientado ao pedido de informação de sua interlocutora, produz o próximo turno relevante, dizendo: “>aqui aqui< tomando chima[r]ão a uma e meia da tarde” (linhas 5-6). Ao produzir essa próxima ação relevante, Mauro emprega a vibrante simples em lugar de vibrante múltipla quando diz ‘chima[r]ão’: “>aqui aqui< tomando chima[r]ão a uma e meia da tarde”. Novamente, no entanto, ninguém na interação se orienta na sequencialidade das ações para esse fato. A interação segue com Andriele fazendo um novo pedido de informação (linha 7), com Mauro dando continuidade à “contação” do caso (linha 8) e com Pedro solicitando à Andriele que deixasse seu pai contar (linhas 9-11).

Como no segmento anterior, no segundo segmento nenhum participante da interação problematiza por meio de suas ações a produção da vibrante simples em lugar da múltipla. Cabe ressaltar aqui o fato de Mariani e Mauro, os participantes que aplicam a regra variável nos dois segmentos, pertencerem à categoria ‘mais de 40 de anos’ da variável *idade* na análise quantitativa, cujo percentual de aplicação da regra e peso relativo são bastante altos. É possível que, no caso de indivíduos com mais idade, o emprego da vibrante simples em lugar de vibrante múltipla seja o esperado no âmbito do que constitui o conhecimento de senso comum dos indivíduos e, sendo assim, não demande trabalho interacional dos participantes. Nesses casos, então, embora o fenômeno de variação ocorra, ele ocupa lugar periférico na interação e, assim, não é tornado relevante pelos participantes que ali interagem, ocupando um dos extremos do “contínuo: variação linguística na interação”, apresentado anteriormente.



De modo geral, a ocorrência periférica da variação na fala-em-interação é o que predomina. Ao longo da uma hora e meia de interação, **em apenas um momento** o emprego da vibrante simples em lugar de vibrante múltipla foi problematizado pelos participantes. Além disso, é interessante ressaltar que, ao contrário do que ocorre nos dados acima apresentados, é a produção do participante Pedro, de 27 anos, da categoria ‘menos de 40 anos’, que é problematizada.

Nesse momento da conversa, interagem quatro participantes em torno da mesa: Tomas, Patrícia, Pedro e Andriele – todos eles informantes integrantes da categoria ‘menos de 40 anos’. Os quatro riam do fato de a participante Mariani ter jogado, sem querer, um resto de bebida alcoólica no cachorro do vizinho. Patrícia sugere que o cachorro possa embriagar-se ao lambar-se, possibilidade que é invalidada por Tomas, Pedro e Andriele. No segmento reproduzido abaixo, após Tomas e Pedro já terem se manifestado sobre a impossibilidade de o cachorro se embriagar, Andriele sugere que o cachorro seja tolo demais para se dar conta de que algo o tenha atingido (linhas 1-3 e 7-9, excerto 3):

### Excerto 3

|    |          |   |
|----|----------|---|
| 01 | Andriele | o snoopy é bem tonguinho                |
| 02 |          | (.)                                     |
| 03 | Andriele | ele nem sabe que pegou nele             |
| 04 |          | (.)                                     |
| 05 | Patrícia | claro que ele não sabe o que é          |
| 06 |          | um martini, que quê é um drurys=        |
| 07 | Andriele | =nã::o, ele não sabe que se             |
| 08 |          | molhou,>ele não tem                     |
| 09 |          | sensibilidade<                          |
| 10 | Pedro    | – <u>achgehedochloss</u> . também não é |
| 11 |          | buro                                    |
| 12 | Andriele | ele é                                   |
| 13 | Patrícia | <ele é um cachoro> <i>((fala em tom</i> |
| 14 |          | <i>de deboche olhando diretamente</i>   |
| 15 |          | <i>para Pedro que fica em</i>           |
| 16 |          | <i>silêncio e baixa a cabeça))</i>      |
| 17 | Andriele | cachoro? <i>((olha para Patrícia,</i>   |
| 18 |          | <i>olha para Pedro))</i>                |
| 19 |          | <i>(.)(Pedro fica em silêncio))</i>     |
| 20 | Tomas    | >lá na minha tera só se come            |
| 21 |          | laranja da tera<                        |
| 22 |          | <i>((fala em tom de brincadeira;</i>    |
| 23 |          | <i>olha para Andriele e para Pedro</i>  |

|    |          |  |
|----|----------|--|
| 24 |          | <i>e sorri; Pedro fica em silêncio))</i> |
| 25 | Patrícia | ai, driele, a gente podia fazer          |
| 26 |          | negrinho né?                             |
| 27 |          | <i>((olhando para Andriele))</i>         |
| 28 | Andriele | negrinho? de onde vem isso               |
| 29 |          | agora?                                   |

Orientado às colocações de Andriele sobre a tolice do cachorro e sua falta de sensibilidade para poder dar-se conta de que algo o tivesse atingido, Pedro, nas linhas 10-11, discorda da sua interlocutora ao dizer: “achgehedochloss<sup>6</sup>. também não é bu[r]o”. No momento em que discorda de Andriele, Pedro emprega a vibrante simples em lugar da vibrante múltipla ao dizer ‘bu[r]o’, em vez de bu[r]o/bu[X]o/bu[h]o.

Andriele, no turno imediatamente seguinte, não se orienta de pronto para esse emprego variável da vibrante, uma vez que dá continuidade à discussão ao reiterar sua posição de que o cachorro é burro, tolo: “ele é” (linha 12). Patrícia, no entanto, no turno imediatamente seguinte ao de Andriele (linha 13), põe em relevo o emprego da vibrante simples realizado por Pedro, quando dirige seu olhar diretamente a ele e diz pausadamente e em tom de deboche que se trata de um cachorro, “<ele é um cacho[r]o>”, também produzindo vibrante simples em lugar de vibrante múltipla na palavra ‘cachorro’, enfatizando inclusive sua última sílaba: ‘cacho[r]o’.

Nesse momento da interação, Patrícia torna relevante o emprego da vibrante simples em lugar de múltipla, realizado por Pedro, ao reproduzir o mesmo emprego em seu próprio turno em tom de deboche. Note-se que Pedro, diante da ação de Patrícia, fica em silêncio e baixa a cabeça, dando sinais de estar evitando a questão do emprego variável da vibrante tornado relevante por Patrícia (linhas 15-16).

Na linha 17, Andriele mantém a orientação para a variação na interação, tornada relevante por Patrícia, quando em tom ascendente de voz diz “cacho[r]o?”, novamente reproduzindo em sua fala o emprego variável de vibrante simples em lugar de múltipla realizado inicialmente por Pedro e depois por Patrícia. Por fim, nas linhas 20-21, também Tomas, em tom de brincadeira, demonstra orientação para o emprego variável da vibrante quando, olhando para Pedro, sorri e diz rapidamente: “>lá na minha tera só se come laranja da tera <”, aqui produzindo ‘te[r]a’ ao invés de te[r]a/te[h]a/te[X]a.

---

<sup>6</sup> Do dialeto alemão local, “achgehedochloss” poderia ser traduzido para o português como “ah, deixa disso”.

Nesse último segmento, não se pode deixar de destacar que diante de todas as ações de orientação para a variação da vibrante realizada pelos interlocutores presentes à mesa (Patrícia, Andriele e Tomas), Pedro permanece o tempo todo em silêncio, com a cabeça baixa, evitando direcionar o olhar aos participantes. O participante dá, assim, sinais de despreferência diante das ações de seus interlocutores.

É somente a partir da linha 25 que a interação muda de curso, e os participantes deixam de se orientar para a questão do uso variável da vibrante, tornado interacionalmente relevante a partir do emprego de vibrante simples em lugar de múltipla realizado por Pedro. A partir das linhas 25-26, Patrícia propõe uma mudança de tópico que é ratificada sequencialmente por Andriele.

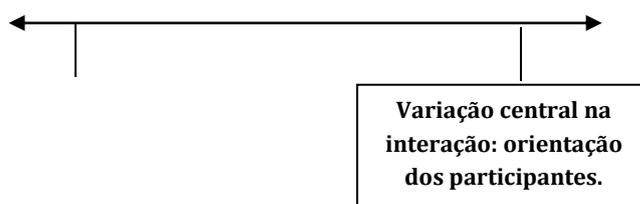
Nesse último segmento, portanto, os participantes se orientam sequencialmente para a variação na fala-em-interação quando põem em destaque o emprego de vibrante simples em lugar de vibrante múltipla pelo participante Pedro. Ao contrário do que ocorre nos dois primeiros segmentos apresentados nesta seção, em que a produção da vibrante simples em lugar de múltipla pelos dois participantes da interação com ‘mais de 40 anos’ não é tornada relevante, nesse terceiro segmento – o único momento de toda a interação em que o emprego da vibrante simples é tornado relevante – é justamente Pedro, um dos mais jovens participantes da interação, com 27 anos, que produz a ocorrência colocada em destaque pelos seus interlocutores. Vale salientar ainda que é problematizada interacionalmente justamente a produção de vibrante em posição medial de palavra (buro ao invés de burro), posição que tende a favorecer tal emprego, conforme resultado da análise quantitativa<sup>7</sup>.

Nesse último segmento, o fenômeno de variação torna-se centro do que os participantes fazem na interação, sendo tornado relevante e destacado por eles, ocupando, assim, o outro extremo do “*Contínuo: variação linguística na interação*”, apresentado anteriormente:

---

<sup>7</sup>Em outro momento da interação, Pedro produz outra ocorrência de emprego de vibrante simples em lugar de múltipla, mas que não é problematizada interacionalmente: [r]econhece ao invés de [r]econhece/[X]econhece/[h]econhece. Acredita-se que a não problematização dessa ocorrência possa estar relacionada ao fato de sua produção ter ocorrido em posição inicial de palavra, posição que tende a tornar menos saliente e perceptível o uso variável. As duas ocorrências produzidas por Pedro (bu[r]o e [r]econhece) somadas às quatro ocorrências produzidas por Patrícia (cacho[r]o), Andriele (cacho[r]o) e Tomas (te[r]a), em orientação ao emprego da vibrante simples em lugar de múltipla produzido por seu interlocutor, totalizam as seis ocorrências realizadas pelos participantes integrantes da categoria ‘menos de 40 anos’ levantadas no tratamento quantitativo dos dados (ver Tabela 1).

Figura 3 – Contínuo: variação linguística na interação



Quando emprega a vibrante simples em lugar de múltipla, Pedro contraria os próprios resultados quantitativos, que indicam uma tendência de não emprego de vibrante simples em lugar de múltipla por informantes com ‘menos de 40 anos’, dada a baixa frequência de aplicação (8%) e baixo peso relativo (0,25). Esse fato, em alguma medida, é tornado relevante pelos participantes nesse terceiro segmento quando, ao destacarem a realização bu[r]o ao invés de bu[r]o/bu[h]o/bu[X]o, se orientam para o fato de que o emprego variável da vibrante realizado por Pedro de certo modo contraria as expectativas do conhecimento de senso comum compartilhado pelos atores sociais (ALMEIDA, 2009), baseado no padrão de aplicação da regra variável na comunidade de fala. Ou seja, ao darem destaque ao emprego da vibrante simples em lugar de vibrante múltipla realizado por Pedro, os participantes demonstram estar sinalizando que este não é o emprego esperado de um participante jovem, com apenas 27 anos, o que está de acordo com os resultados quantitativos que indicam também uma tendência para o não emprego de vibrante simples em lugar de múltipla entre indivíduos com ‘menos de 40 anos’.

É possível que jovens como os participantes Pedro, Tomas, Andrielle e Patrícia, ao contrário de pessoas de idade mais avançada, precisem negociar muito mais as identidades que assumem em seu trânsito social, nas suas práticas sociais diárias, o que provavelmente os leva a evitar o emprego estigmatizado da vibrante simples em lugar de múltipla. Nesse sentido, dizer bu[r]o ao invés de bu[r]o/bu[h]o/bu[X]o acaba por se constituir como uma realização que, entre jovens, se queira evitar, o que talvez leve os falantes a destacar na fala do outro tal realização como inapropriada, que é o que ocorre, quer-se argumentar, no terceiro segmento.

## Conclusão

No presente trabalho, buscou-se investigar, por meio de um dado de fala-em-interação espontânea, o emprego variável de vibrante simples em lugar da vibrante

múltipla no português falado por descendentes de alemães, bilíngues português-alemão. Seguindo tendência recente em estudos de variação linguística, de agregar à análise quantitativa de dados uma perspectiva qualitativa de análise, conciliaram-se análise de regra variável e análise de fala-em-interação, procurando tecer relações entre os resultados da análise quantitativa e os resultados da análise interacional.

A análise quantitativa dos dados revelou, em consonância com outros trabalhos já realizados acerca da realização variável das vibrantes, que indivíduos com 'mais de 40 anos' tendem a empregar vibrante simples em lugar de múltipla, enquanto que informantes com 'menos de 40 anos' tendem a desfavorecer esse emprego. Além disso, no que diz respeito à variável linguística controlada (posição da sílaba na palavra), verificou-se, também em consonância com outros trabalhos, que a posição medial de palavra favorece o emprego de vibrante simples em lugar de múltipla.

A análise qualitativa dos segmentos de fala-em-interação selecionados revelou que, de modo geral, o fenômeno de variação linguística pelo emprego da vibrante simples e lugar de vibrante múltipla ocorre de modo periférico à interação. Nos dois primeiros segmentos analisados, o emprego de vibrante simples em lugar da múltipla pelos participantes com 'mais de 40 anos' não foi tornado relevante pelos participantes. Argumentou-se aqui que esse emprego não contraria o esperado desses participantes em termos de produções e comportamento linguístico, expectativa essa que estaria em consonância com a tendência expressa pelos pesos relativos na análise quantitativa dos dados.

Por outro lado, conforme análise realizada no terceiro e último segmento apresentado, o emprego da vibrante simples em lugar de múltipla ocupou lugar central na fala-em-interação em um único momento da interação, sendo destacado interacionalmente pelos participantes. O emprego da vibrante simples em lugar da múltipla pelo participante de apenas 27 anos foi problematizado pelos interlocutores por contrariar a expectativa, também expressa nos resultados quantitativos, de não aplicação da regra pelos falantes do grupo etário mais jovem. Ao darem destaque ao comportamento linguístico do participante, os interlocutores demonstraram, em alguma medida, estar sinalizando que esse não é o emprego esperado de um participante jovem, com apenas 27 anos.

O presente trabalho constitui uma tentativa inicial de buscar agregar aos estudos de variação uma perspectiva qualitativa de investigação pela análise de sequências de

fala-em-interação orientada pela perspectiva teórico-metodológica da ACE. Com ele, demonstrou-se que essa abordagem é possível e viável, embora se reconheça que considerações de cunho etnográfico, não comumente utilizadas em ACE, pudessem ter enriquecido as análises dos segmentos interacionais. Espera-se, mesmo assim, que o presente estudo possa contribuir tanto com pesquisas na área de variação linguística que busquem agregar à análise quantitativa uma perspectiva qualitativa de investigação pela análise de dados de fala-em-interação, quanto com pesquisas em ACE que necessitem dar conta da variação ao analisarem as ações dos participantes na interação social pela fala.

## Referências

ALTENHOFEN, C.; MARGOTTI, F. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C.V.; RASO, T. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. *Structures of social action*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

ALMEIDA, A. N. *A construção de masculinidades na fala-em-interação em cenários escolares*. 2009. 310 f. Tese (Doutorado em Letras) -- Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

BATTISTI, E.; LUCAS, J. I. P. Língua, redes e práticas sociais. In: CHAVES, F. L.; BATTISTI, E. (Orgs.) *Cultura regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2006, p. 113-131.

BATTISTI, E; MARTINS, L. A realização variável de vibrante simplesem lugar de múltipla no português falado em flores da cunha (rs): mudanças sociais e linguísticas. *Cadernos do IL*, v. 42, p. 146-158, 2011.

BOVO, N. M. P. *A variação da vibrante e seu caráter social*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) -- Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2004.

ECKERT, P. *Jocks and burnouts: social categories and identity in the high school*. Nova York: Teachers College Press, 1989.

ECKERT, P. *Linguistic variation and social practice*. Maldenn/Oxford: Blackwell, 2000.

GARCEZ, P. M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Orgs.). *Fala-em-interação social: uma introdução à Análise da Conversa Etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 17-38.

GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodology*. Englewoods Cliffs, NJ, EUA: Prentice Hall, 1967.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. *Dialetos italianos*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

HERITAGE, J. *Garfinkel and Ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1984.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LODER, L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: LODER, L.; JUNG, N. (Org.). *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Porto Alegre: Mercado de Letras, 2008. p. 127-162.

LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Org.). *Fala-em-interação social: introdução à análise da conversa etnometodológica*. Porto Alegre: Mercado de Letras, 2008.

LODER, L. L.; SALIMEN, P. G.; MÜLLER, M. (2008). Noções fundamentais: sequencialidade, adjacência e preferência. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Orgs.). *Fala-em-interação social: Introdução à análise da conversa etnometodológica*. Campinas, SP: Mercado de Letras. p. 39-58.

MARGOTTI, F.W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) -- Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2004.

ROSSI, A. A variação da vibrante múltipla em interior de palavra lexical na fala de descendentes italianos das cidades sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS. *Working Papers em Linguística*, UFSC, n. 4, p. 54-69, 2000.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas*, v. 7, n. 12, p. 1-67, (2005) [1974] 2003.

SANTOS, S. R. P. dos. *O Radicci no contato italiano-português da região de Caxias do Sul: Identidade, atitudes linguísticas e manutenção do bilinguismo*. Dissertação (Mestrado em Estudo da Linguagem) -- Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2001.

#### ANEXO: Convenções de transcrição\*

|              |                                  |   |
|--------------|----------------------------------|---|
| .            | (ponto final)                    | entonação descendente   |
| ?            | (ponto de interrogação)          | entonação ascendente  |
| ,            | (vírgula)                        | entonação de continuidade   |
| -            | (hífen)                          | marca de corte abrupto  |
| ↑↓           | (flechas para cima e para baixo) | alteração do tom de voz (mais agudo: para cima; mais grave: para baixo) |
| :            | (dois pontos)                    | prolongamento do som  |
| <u>nunca</u> | (sublinhado)                     | som enfatizado  |
| PALAVRA      | (maiúsculas)                     | fala em volume alto   |
| °palavra°    | (sinais de graus)                | fala em voz baixa   |

|                         |   |  |
|-------------------------|---|--|
| >palavra<               | (sinais de maior do que e menor do que) | fala acelerada   |
| <palavra>               | (sinais de menor do que e maior do que) | fala desacelerada                                      |
| hh                      | (série de h's)                          | aspiração ou riso                                      |
| .hh                     | (h's precedidos de ponto)               | inspiração audível                                     |
| [ ]                     | (colchetes)                             | fala simultânea ou sobreposta                          |
| =                       | (sinais de igual)                       | elocuições contíguas                                   |
| (2,4)                   | (números entre parênteses)              | medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos) |
| (.)                     | (ponto entre parênteses)                | micropausa, até 2/10 de segundo                        |
| ( )                     | (parênteses vazios)                     | segmento de fala que não pôde ser transcrito           |
| (palavra)               | (segmento de fala entre parênteses)     | transcrição duvidosa                                   |
| ((olhando para o teto)) | (parênteses duplos)                     | descrição de atividade não-vocal                       |

\*Adaptado de Atkinson e Heritage (1984, p. ix-xvi), Ochs, Schegloff, e Thompson (1996, p.461-465) e das instruções para submissão de artigos ao periódico especializado *Research on Language and Social Interaction*.

Recebido em março de 2013.

Aceito em junho de 2013.